

## Lágrimas em Flores. Por Evaristo de Miranda\*

📅 02/11/2025 ⌚ 11:15



Dia de Finados é tempo de memória, silêncio e gratidão, quando a saudade se transforma em homenagem e o amor vence a ausência. Foto: Pixabay

*O orgulho produz o tirano, e quando tiver em vão acumulado excessos e imprudências, precipitar-se-á do fastígio de seu poder num abismo de males de onde não mais poderá sair. Édipo Rei Sófocles (497 a 406 a.C.)*

Dia 2 de novembro é um dos feriados mais celebrados: **Finados**. Não é religioso. A festa religiosa principal ocorre na véspera: **Todos os Santos**. No dia de Finados celebra-se a memória dos falecidos. Eles chegaram ao fim do seu tempo. É dia solene, consagrado à lembrança de antepassados, ascendentes e de todos os mortos. Nações se dedicam a relembrar. No México, a **festa dos mortos** é Patrimônio Imaterial da Humanidade. No agronegócio, Finados é o segundo dia do ano no comércio de flores, arranjos e vasos. Quem merece ser lembrado nesta data?

Os orientais no Brasil prestam um verdadeiro **culto aos antepassados**, cuja relação de dívida e gratidão é exaltada em altares domésticos. Outros não respeitam este feriado. Não lhes diz nada. Não corresponde a evento ou personagem de seu interesse. Profanam a data, esquecem seus ascendentes, seus antepassados. Perdem a memória e, sem querer, profanam a si mesmos. Tiveram pai, mãe, avós, bisavós, amigos... e imaginam-se começando em si mesmos. Os filhos do nada são sementes de caos.

**Símbolos e arquétipos agrícolas** ilustram este feriado, como em nenhum outro. Finar evoca o findar. Os finados foram ceifados em seu tempo. O feno é a erva ceifada. Alimenta os animais em períodos difíceis de inverno ou seca. Exemplos de vida dos ascendentes, dos colhidos, também

alimentam os vivos. Eles são um *feno de luz*. Na Bíblia, o homem é comparado à erva do campo (Sl 103,15). Finar e fenar são semelhantes. Feno vem do grego *phaíno*: brilhar, aparecer. Como em **epifania**.

A **foice**, instrumento agrícola, está associada à figura da morte. O brilho reluzente dessa lâmina não apaga os finados, apenas os igualiza diante das leis da natureza. A foice simboliza os ciclos de colheita e renovação e os próprios camponeses, como no símbolo comunista (foice e martelo). Na colheita, o caule é cortado. Como cordão umbilical, ele liga o fruto à dependência da terra alimentadora. Na colheita, o grão é condenado à morte para servir de alimento, sustentar a vida ou germinar como *semente*. Neste novembro, na agricultura brasileira, o essencial das sementes já foi plantado, apesar das crescentes dificuldades enfrentadas pelo setor. Elas germinam e garantirão a futura safra de verão e, depois, a de inverno. Vem aí, mais uma **colheita recorde**, acima de 350 milhões de toneladas de grãos.

Os mortos não se apagam, quando durante a vida cortaram com a foice da consciência as ilusões do mundo e de seu próprio egoísmo. E com coragem enfrentaram os desafios de seu tempo. A **foice da lua no campo das estrelas**, neste Finados em particular, destaca o jornalista **José Roberto Dias Guzzo**, falecido em 2 de agosto de 2025. Seu exemplo o faz brilhar na lembrança de quem o admirou, lê e relê seus **artigos**. Eles trazem clareza, esclarecem temas, causas e valores a serem conservados.

Seus escritos brilham como estrelas. Ajudam vivos e vivos a atravessarem a noite deste período, tão desfavorável à liberdade de imprensa e expressão. Guzzo ainda elucida o futuro com a luz assertiva de sua iniciativa de criar a **Revista Oeste**. Como ele disse: *"Todo mundo pode ter certeza: a turma da redação da Oeste seguirá fazendo o que faz..."*.

Não cabe viver apagado. Cabe neste mundo fazer um trabalho de luz e enfrentar as trevas. Se a luz do falecido foi trêmula, como de uma vela, ainda assim ele iluminou. Harmonia é a tensão da luz ao vencer a escuridão. Finados é dia de acender velas. A vela é agro. Ela reúne três reinos: o animal, na cera de abelha; o vegetal, no pavio de algodão e o mineral, na resídua do fogo. Acesa em casa ou no cemitério, a vela recorda: a luz da pessoa lembrada não se apagou. A memória dos falecidos ilumina.

No Ocidente, Finados é dia de visitar cemitérios; limpar e ajeitar os túmulos; acender velas na sepultura, na igreja ou em casa; pronunciar uma oração; fazer pelo menos um instante de silêncio, meditar, lembrar e agradecer. Crianças órfãs crescem com a memória viva dos pais falecidos. Adultos, com os anos, colecionam seus mortos. Na velhice, todos se tornam órfãos. Ritualizar a lembrança dos mortos é terapêutico. Os mortos são a presença de uma ausência e não ausência de uma presença.

Os **ritos profanos e sagrados** dão outra perspectiva ao tempo e ao morrer. Para muitos, a ordem inteligível, sempre presente no escoar do tempo, é a do movimento perpétuo. Para quem crê, o tempo pode ser de salvação e mudança. Não se trata de viver somente a inexorável passagem do tempo (**chronos**), quarta dimensão do criado. Pode-se viver um tempo novo e definitivo (**kairós**) na fé e na defesa de valores e princípios. Uma floração.

Os floricultores usam tecnologia moderna para garantir flores nesta data solene. Além dos crisântemos, produzem grande variedade de gladiólos, girassóis, margaridas, kalanchoes, alstroemerias, orquídeas, rosas... (Rev. Oeste, **Ed. 109**). Em 2024, a

**cadeia produtiva de flores e plantas ornamentais** gerou R\$ 21 bilhões e 265 mil empregos. Em

comparação ao agronegócio brasileiro, essa cadeia produtiva significou 0,72% do PIB e 1,24% dos empregos. O **IBRAFLO**R representa a cadeia de flores de corte, vasos e plantas ornamentais, presente em 16 Estados. Com cerca de 900 membros entre cooperativas e associações de produtores, o Instituto alcança mais de cinco mil floricultores em todo o país.

Graças a sofisticadas e modernas estruturas logísticas, flores e vasos são levados aos milhões aos cemitérios e adornam fotos de falecidos nas casas. Na tradição cristã, os mortos são plantados como *sementes de eternidade*. Regados com lágrimas, florescem no jardim da Eternidade. A flor é símbolo de ressurreição, sobretudo nos funerais. Quem leva flores ao cemitério reafirma sua fé na vida. Em Finados não se festeja a morte e sim a esperança de eternidade, em diversas visões religiosas ou não. A luz dos falecidos ainda brilha. Cada um ao nascer recebe dons especiais. Cultivados na vida, terminam por florir, perfumar e iluminar a humanidade.

Finados é sinal de esperança. De futuro e não de passado. Não evoca remorsos ou lamentações, queixas ou condenações. A simbologia agrícola de Finados, com sinais de ciclos cósmicos, vegetais e rurais, relembra a esperança, em tempos tão sombrios vivido pelo país. A humanidade pode ser um belo jardim, diverso e fraterno, perfumado e iluminado, distante das trevas e da opressão. Mesmo se nos dias de hoje, *qualquer luz contra a treva é raramente perdoada*, como dizia Guzzo (Rev. Oeste, **Ed. 274**).

Neste Finados, sobre as flores, o orvalho das lágrimas de familiares e dos prisioneiros políticos brasileiros, cuja morte civil foi decretada por inimigos da liberdade, será seiva de esperança. *A Revista Oeste não vai se conformar nunca em conviver com o absurdo (...). A anistia é a única forma prática de livrar o Brasil da situação sórdida criada pelo Supremo – a de um país-escroque na violação dos direitos humanos. (...) Para você é ruim. Para eles é o paraíso na Terra. Para Oeste é um despropósito sobre o qual vamos falar pelo resto da vida*, Guzzo **locuta** (Rev. Oeste, **Ed. 260**).

No hemisfério sul, Finados ocorre em plena primavera. Neste início de novembro, pare um instante para lembrar pais, avós, parentes e amigos falecidos na cascata das gerações. E buscar meios de enfrentar esse reino político, mórbido, necrófilo e liberticida, imposto aos brasileiros. Sempre é tempo de semear o bem e recomeçar. Mesmo sem qualquer otimismo face às realidades políticas e sociais do Brasil, não cabe perder a esperança!

Neste Finados, quem você lembrará? Quem marcou sua existência para merecer um instante de silêncio, uma vela acesa, uma visita ao cemitério? Qual a utilidade do gesto inútil? Quem sabe colher o feno de luz?

*\*Evaristo de Miranda é ex pesquisador da Embrapa, escritor, doutor em Ecologia e membro da Academia Nacional de*

[Facebook](#)

[Twitter](#)

[LinkedIn](#)

[WhatsApp](#)

*Artigo publicado originalmente na revista Oeste e gentilmente cedido pelo autor à SNA*

## ÚLTIMAS NOTÍCIAS

---

### Artigos

## Tensão entre EUA e Colômbia: novas oportunidades para o Brasil. Por Silas Brasileiro

### Notícias do Agro

**Clima no Brasil e no Vietnã segue influenciando o mercado de café**

### Notícias do Agro

**Feijão: Outubro é marcado por baixa liquidez e preço enfraquecido**

#### Sociedade Nacional de Agricultura Faculdade SNA Digital

Av. General Justo 171 – 3º e 7º andares  
Centro – Rio de Janeiro (RJ)  
CEP: 20021-130  
+55 (21) 3231-6350

#### Campus Educacional e Ambiental SNA

Avenida Brasil 9727  
Penha – Rio de Janeiro (RJ)  
CEP: 21012-351  
+55 (21) 3977-9979



Envie-nos uma mensagem

### INSTITUCIONAL

[Sobre a SNA](#)

[Diretoria da SNA](#)

[Academia Nacional de Agricultura](#)

### EDUCAÇÃO

[SNA Digital – EAD](#)

[Campus Educacional](#)

### PUBLICAÇÕES DA SNA

[A Lavoura](#)

[Animal Business](#)

[CI Orgânicos](#)

[Boletim SNA](#)

### CONTEÚDO

[Destaques da SNA](#)

[Notícias do agro](#)

[Artigos](#)

[Entrevistas](#)

[SNA Startup Hub](#)

---

[Código de Ética](#)

[Política de Governança](#)

[Política de Privacidade.](#)

© Copyright Sociedade Nacional de Agricultura 2023. Todos os direitos reservados.